

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 17 DE MARÇO DE 1888

DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 165

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,
Urbano Duarte,
Lepoldo Cabral e Candido Jucá

GERENTE

Ismael Marinho Falcão

SUMMARIO

Expediente.....	
A «Semana».....	Gêdo
Historia dos sete dias.....	
Estancias philosophicas.....	
poesia.....	Augusto de Lima
Na Serra.....	Lahore
Da Via-lactea, soneto.....	Olavo Bilac
Scherzo.....	Domicio da Gama
A roza, soneto.....	João Barbosa
Gilherme I.....	V. Magalhães
Sonhando, poesia.....	Vera de Suckow
Um pessimista.....	Candido Jucá
A Esperança, soneto.....	J. Moraes e Silva
La terre de Zola.....	Emanuel Karnero
Recordação, soneto.....	Carlos Fróis
O grumete Nogueira.....	Kininger
Contos populares, poesia.....	R. Theophilo
Um dia no campo.....	Virgilio Varzea
Depois de partir, soneto.....	Pedreira Franco
Omah.....	Flavio Flores
Vitando ruínas, soneto.....	Pedro Rabello
Factos e noticias.....	
Theatros e diversões.....	
Diversas publicações.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE E NICTHEROY

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 5\$000
Anno..... 10\$000

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleinss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso ecriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Viera.

— *Mariposas* de J. Moraes Silva.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

A SEMANA

O nosso companheiro de trabalho e gerente d'*A Semana*, o Sr. Ismael Marinho Falcão, seguirá nestes dias para as provincias de Minas Geraes e São Paulo.

Negocios particulares desta folha, suas cobranças, e alargamento de sua divulgação derão a razão de ser, neste momento, da viagem do nosso gerente.

Encarecemos aos nossos illustres assignantes e amigos todo o apoio e coadjuvação de que possa precisar o nosso amigo Falcão, pelo que ficaremos agradecidos.

O artigo que hoje publicamos do nosso collaborador e fundador d'esta folha, Dr. Valentim Magalhães, faz parte do n. 7 das *Notas á Margem*, que hoje será distribuido. E' pois, inteiramente inédito. Agradecemos ao autor a anticipação que nos permittiu fazer d'elle ao numero da sua interessantissima revista quinzenal, em que tem de apparecer.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O Sr. conselheiro João Alfredo conseguiu, finalmente, organizar o ministerio de que é presidente, e, forçoso é confessar-lo, difficilmente conseguiu S. Ex. formar outro tão digno de attenção e de respeito como o que constituiu.

Na pasta do imperio está o Sr. Costa Pereira, talento de primeira plana, illustração profunda, que tem conseguido na Camara posição sempre eminente pela sua prudencia, circumspecção e conhecimentos.

Na da justiça, o Sr. Ferreira Vianna, o popular tribuno parlamentar, o juriscousulto notabilissimo, o homem de espirito invencivel, que consegue sempre triumphar da causa mais ingrata, pelo brillantismo da palavra, pelo vigor e colorido da phrase.

Na da guerra, o Sr. Thomaz Coelho, ex-ministro da agricultura na situação conservadora passada, cavalheiro de notavel intelligencia, illustrado, independente e patriota.

Na da marinha, o Sr. Vieira da Silva, o modesto senador maranhense, uma das nossas glorias parlamentares, pela extraordinaria pujança do talento, pela profundissima illustração, pelas suas qualidades apreciabilissimas de orador.

O Sr. João Alfredo tendo por companheiros na direcção da náu, homem como esses, e mais o Sr. Antonio Prado, de certo a levará a bom porto e a salvamento,

Uma duvida, entretanto, assalta-me o espirito: serão solidarios sempre, e em tudo, os novos ministros? Na questão religiosa, por exemplo, o Sr. Ferreira Vianna—orthodoxo—dará as mãos aos Srs. Vieira da Silveira e João Alfredo? No grande golpe que é mister ser dado na escravidão, os Srs. Thomaz Coelho, Costa Pereira e tambem o Sr. Ferreira Vianna, estarão dispostos a empunhar a faca? Não quero, com isto, suppor que haja, em pouco, dissensões no ministerio; exprime, apenas, esta duvida uma duvida maior ainda: que não está, talvez, fadado ao conselheiro João Alfredo, cortar o nó gordio da questão abolicionista. Não affirmo, não nego: duvido. Como quer que seja, porém, eis constituido o ministerio; um bom, excellente ministerio, que, indubitavelmente, muitos e grandes beneficios ha de fazer ao nosso paiz.

Nunca suppoz o pobre e simples grumete André Nogueira que algum dia o seu nome andasse de bocca em bocca, como o de um heroe, ou como o de um martyr; para isso, no entanto, é mister tão pouco, que elle, com o simples facto de ter saudados da velha mãe e do seu pequeno torrão, e por ter, como um personagem de magica, deixado trucidar-se e depois, dos seus proprios fragmentos, constituir-se integralmente, vê-se hoje cantado e decantado, elevado ao setimo céu e no mesmo tempo rebaixado ao nivel mais raso, justamente como acontece ao homem de merito verdadeiro...

O grumete foi assassinado e surge, são como um péro, em Rezende. Mas então como é isso? Que mysterio ha em tal historia?

O alferes Santos, teetemunha occular do crime, teria sido victima de alguma allucinação? Ou o grumete assassinado era outro que não o pobre André? Eu não posso atinar com a verdade, como

acredito que ninguem com ella atinará; mas tenho convicção de que a verdade ba de apparecer, como appareceu o André Nogueira.

Sem que tenha feito tanto escndalo como o assassinato de André Nogueira, não tem, contudo, deixado de chamar a attenção publica o de Fuão Barroca, um typo felicissimo, que tirou a sorte grande uma porção de vezes. Barróca era, pelo que se diz, um sujeito de baixa extracção, naturalmente acostumado a soffrer todos os rigores de uma posição infima, sem dinheiro, sem conforto, e, talvez mesmo, curtindo fome. Um dia teve uns magros mil réis e tentou centuplical-os: atirou-se á loteria. Tão feliz foi o diabo que a roda, no seu gyro iuconsciente, parou no numero que lhe pertencia, e Barroca conseguiu o que almejava.

Depois, como é natural, tendo vinte contos almejou ter cincoenta, e comprou novo bilhete: nova viravolta da roda, e outra sorte para o Barroca.

O homem, prudente antes de tudo, não alterou na vida: conservou por amante a mesma negra que com elle partilbara a miseris; não transferio para o *Globo*, as modestas refeições que fazia no *frege* proximo; não encomendou ao Raunier roupa que substituisse o seu rafado *jaleco* de zuarts, ou as suas calças de brim, já remendadas e sem côr. Continuou, como antes, a convidar os amigos a tomarem o seu copito de *maduro*, e, como antes, manteve o mesmo aposento na estalagem.

Como, porém, o cobre arranjado chegava de sobra para fazer e representar de rico na terra, elle resolveu-se a partir. Mas como fazel-o, sem que lhe cahissem em cima os parentes, os amigos, a amante? *Argentum in dubio est*, peneou elle; isto é, vou, mas fica-me o rico diabinheiro, e eu não estou por essa. E, então, o Barroca lembrou-se de um meio: *assassinar-se*. Tirou as calças, o paletot, a ceroula, a camisa, as meias, as botinas (até as botinas!) borrifou-lhes sangue, retalhou-as á navalba, safou-se.

Alguns affirmam que isto assim não foi, e que houve assassinato; outros, e eu com elles, supponos que o facto é como eu narrei, e que o Barroca está vivo e... longe.

Como quer que seja, tenho eesperança agora, de poder tirar ao menos uma vez, uma sorte qualquer, com o deaparecimento do monopolieador das sortes grandes. Boa viagem, Rottschild em perspectiva!

Em Alagoas foi assassinado um delegado de policia que é o terceiro a quem tal acontece. Não aspirei nunca á honra de ser collega do Sr. Dr. Heitor Cordeiro, mas agora principalmente,

tenho horror a semelhante cargo. Aprel que sêde de sangue delegacia! D'aqui em diante nenhum cidadão quererá tal incumbencia com receio de que tentem explorar lho o tecido a dipôso, ou verificar a penetrabilidade do seu thorax, por meio de uma navalha, faca, ou bala de revolver.

Antes ser padre... Acadêmico.

Uma victima, digna de lastima, o Sr. Capitão Penha. Imagine o leitor que ainda boje, neste tempo, não morreram as inanifestações a olco...

O Capitão Penha, uma verdadeira penha, no caracter e no coração, foi covardemente agredido por uma horda de barbaros que empregaram como arma de ataque o seu retrato a oleo... Pobre Capitão, excellent capitão! Lamento que o houvessem assaltado, mas.. applaudo sinceramente a manifestação de que foi alvo.

CÉVE

NA SERRA

Bertha voltou-se sorrindo:

— Bem via que eras de minha opinião. Devemos ir; não acha papae?

O velho Rogerio que não parecia muito satisfeito com ter que condescender com este capricho, que o arrancava aos seus commodos, apparecia comicamente por entre as grandes orelhas de um paciente burrinho, em que se escanchava o seu corpo de sexagenarian rheumatico.

A impassibilidade, de que se revestia o seu rosto pallido e pouco intelligente perturbou-se n'um meio sorriso quando a filha convidou-o para voltar; sorriso que transformou-se n'uma careta mal disfarçada ao ouvir-lhe as ultimas palavras.

Não obstante, dou de redea a sua azemola e foi seguindo caminho da serra, acompanhado da cavalgada pittoresca. Não silenciosos. A não ser, a longos intervallos, uma maxima do velho a proposito do que elle não dizia, nem ninguem pensava, e o constante ruido das patas dos animaes nas pedras do caminho, nada mais perturbava o morno silencio da viagem, feita do baixo de um sol de meio dia.

Subião lentamente. O aspecto geral da montanha ia-se modificando a cada ponto de vista. O que de longe, do fundo do valle, parecia um pequeno accidente confundido nas grandes linhas do conjunto, era de perto uma anfratuosidade escabrosa, um socavão medonho, vertiginoso alcantil.

Os viajantes s-ntião-se pequenos ao pé d'aquellas grandezas. O caniuho tortuoso serpenteava como bravia sucuriã, envolvendo nas suas multiplicadas roscas os rochedos, as tocas, os precipicios; desaparecendo de subito no despenhadeiro; mergulhando na sombra densa do arvoredo; repontando aqui e alli na fimbria da floresta, para alvejar por instantes no dorso das lombadas, e perder-se alem no fundo do valle.

Ao chegar ao alto da montanha, no começo de pequena chapada, tiveram de parar um instante para dar alento aos animaes. A temperatura estava sensivelmente outra. Soprava uma

brisa fresca, que acalmava as agitações da penosa ascensão. Parados, voltaram-se os viajantes para o lado de onde tinbão vindo.

Era janeiro. Apenas algumas chuvas haviam cahido. A vejetação que começava a brotar vestia-se de uns tons do verde e cinzento, que fazia contraste com a folhagem secca, de que se cobria o chão, destroços da vida que passara. Andava no ar o aroma dos renovos, saudavel e refrigerante.

A montanha se alongava para os lados como um grande arco. A direita e a esquerda estendia-se com seus precipicios, seus despenhados, seus picos aleantilados, suas lombadas semelhantes ao costado de um monstro informe e desconhecido, que estacara no meio de sua carreira tomada de subito petrificamente.

Pela abertura, entre as duas extremidades do arco, desenrolava-se uma paisagem maravilhosa. A inundação luminosa que enchia o valle, a montanha, o céu, os toques de luz destruidos por um sol de meio dia; a villa que se derramava lá baixo na planicie; ao longe as lagoas q'assemelhaõ-se a bocados de leite cahido sobre o manto verde da plauicie coberta de um tenuissimo pó de luz; alem as cristas reluzentes dos brancos morros, a cinta azul do mar, e os vastos sertões longinuos a esconder-se gradualmente na sombra indecisa do horizonte pardo: — tudo isto, tocado de um caracter alpestre, selvagem, tinha um grandioso effeito imprevisito.

Felippe estava, junto de Bertha e admirava com ella a paisagem. Embora creado nas serras, habitando aquelles golpes de vista, sentia agora ao pé da formosa moça, uma sensação sadia e tonicificante.

Por intervallos, uma nuvem branca atravessava o céu lançando sobre a montanha uma sombra fresca que se arrastava lentamente para alem.

LAHORE

ESTANCIAS PHILOSOPHICAS

(DO ALBUM DE UM PESSIMISTA)

IV

A pragmatica real do despotismo culto prescreve, entre milhões de normas que defino, que diante d'El-Rei o subdito se incline, porque um diminaindo, o outro assume mais vulto.

Tu, liberdade, não! Planeta sempre novo, tens o engaste no céu da consciencia humana; por isso a tua luz serena e soberana so eleva tanto mais, quanto mais alto é um povo!

V

Disse o sublime Mestre (antes nunca o dissesse!): «Não saiba a mão sinistra os bens que a dextra presta.» Veio a Philanthropia e para ser modesta, com a mão direita occulta em publico apparece.

Disseste-o mal, ó Christo: a caridade ufana de renome melhor derrama os beneficios; mas quizeste riscar do numero dos vicios em prol do bemfeitor, a ingratição humana.

SCHERZO

De um céu caliginoso entre a monotonia dos pardos tempestuosos surge de repente a evocação de um accorde fulgurante o divo Ariel de azas de ouro. Logo a sombra dos graves adoça-se rasgada por clarões e ao ribombar terrifico das coleras divinas succede a cantrola clara dos regatos e o gott'jar dos pingos crystallinos e o incendio das pedrarias liquidas que o sol irisa nas frondes rorejantes. Canta Ariel pairando. A garrulice dos ninhos pupilla no seu canto — alleluia das almas desoppressas dos terrores negros. Hymno ou canção, esperança e aspiração ou saudade, phrases de magoa e ardor, flautas subindo dos gemidos á voz cantante dos clarins stridulos, como uma filigrana de luz sobre penumbra. encho o espaço intermino a teia subtilissima do sylpho, em notas de magia. Ha um ir e vir do estribillo em canto e echo que diz a agitação contente, o louco esvoagar de borboleta livro. Ar! ha tanto ar e luz que o desafogo da eterna, suprema libertação não será mais beato! O abandono do espirito á delicia de gozar tem a recompensa da embriaguez ineffavel. Nomes cantantes, syllabas sonoras, infinitos de verbos de acção vaga, a inarticulação do desejo gagueja-me na mente. Na mesma nota a alma que canta suspira. Ha uma gaze levissima de melancolia attenuando o brilho excessivo das notas puras. A harmonia faz véu. Em vez da faiscação dos diamantes a brancura fosca das perolas serenas. E a luz diffusa e claridade maior. No resplendor infinito passam trillos vivos, fugaces, como sobre lagos espolhando a festa luminosa das manhões bandos de garças, que o sol nascente doura. Tão altas, tão sem manchas, claras no céu claro, a minha aspiração voa com ellas e funde-se no nirvana de luz. Sinto-me menos, reduzido ao presente, alijado de memorias, simplificado e dividido para as sensações subtis. Sou pluma voando ao vento, voluptuosa, sou poeira doirada vo-

litando na valsa aos raios do sol, sou ainda menos, luz ou vibração o vivo na voz de Ariel. E para que eu viva elle não so calla o mago thema, o sylpho triumphante.

Amarelo pallia com toques de rosa o bordados arabescos em carmin vivo subindo da cintura no colarinho vestindo-lhe o pescoço esguio e o corpete da pianista e d'elle nasce a sedução da musica. As notas do piano vibram soltas e elle as liga á feição das suas linhas de harmonia. Quando ha linha e cor e relevo só o movimento faltá. E cada gesto da mulher que sentes bella é um poema. Em cada um d'elles a mestria que não se ensina. Deixei de virar as paginas para admirar-la. Logo a seguinte terminava em compassos de espera para a esquerda. A graça com que moveu-se aquella mão pallida, lenta, virando e alisando a pagina esperando o instante do ataque brusco ao fim de barpejos morrentes... Graça typica, não individual. De Georgina adoro esse não ser bella em si mas evocar bellezas. Como as formosuras raras ella tem as grandes linhas classicas, correctas, impessoaes. Mas faltan-lhe os traços menores, as inflexões que fixam uma individualidade. Ser filha de artista, de um amoroso da forma em belleza multipla, nascer entre pinturas e sonhos de plastica ideal, crescer brincando com estampas, contemplando estatuas, embeber-se de romantismo esthetico á força de viver no artificio, talvez explique esta representação constante do mulheres que não são ella. Seria assim a atriz que cu sonhei. Piauísta, ella lembraria a visão de Chopin moribundo. Cantora, declamando, o seu gesto variaria da molleza enlaçada dos Myllos á repulsa apavorada de Lady Macbeth. E quando como agora no descanso de compassos facéis ella faz os olhos redondos para fascinar-me, nesito entre Leonardo de Vinci e Delaroché. Mas como te enganás commigo, Georgina! Musica és tu, maravilhosa sonata! Da ponta dos teus pés movendo-se continuamente em reforços e abafamentos de som aos anneis revoltos do teu cavallo, onde a luz scintilla, ha phrases infinitas de uma harmonia unica. Só tu me facilitarías a evocação rebelde. Agora tecas em vão, demais...

Chilros de insectos na solidão das espessuras sylvestres ouvem-se mais que o clamor terrivel de feridos subindo entre o estrondo das batalhas. Um valor é uma relação. O que vale um tom só pode dizelo a opposição. Assim da luz, assim do som, assim em todo graduar de sensações. Em plena luz as brancuras opacas irradiando offuscam, e as transparencias incolores atravessadas de claridade tornam-se invisiveis. Ha um limite ao sentir, que eu attingi. D'ahi por diante o ouvido hallucinado de Beethoven. Mais uma vez me affligo a necessidade das sombras para a luz. Os nervos exhaustos vibram dolorosamente á volta insistente, irritante, do thema em dez ou doze notas, todo nã e descorado, como um que volta das illusões. Em quinze paginas de musica as explosões illuminantes cessam e uma claridade crua e despoetrante mostra-me em forma de morcego lugubre, de azas fuscas e membranas, o meu bymno do alegria e luz, o ideal Ariel de azas de ouro.

15 de Março.

AUGUSTO DE LIMA

DOMICIO DA GAMA

A ROSA

Eu sou a rosa, olhai; a encantadora flor,
Que exprime a mocidade e exprime a graça e a vida!
Sou de todas, a flor mais bella e mais querida,
Seja pela arrogancia, ou seja pela côr.

Guardo dentro de mim o virginal calor
De um seio de mulher, a nota recolhida
De um poema ignoto e que a amar convida
As almas que se furtam á grande luz do amor!

Abro aos raios do sol as pétalas vermelhas
E meu aroma attrahe os beijos das abelhas
Que n'um eufame febril voejam pelo ar...

E quando vem a noite e a solidão so espraia,
Tristemente suspiro e após mou ser desmaia
Banhado pela luz narcotica do luar!

JOÃO BARBOSA

GUILHERME I

A morte de Guilherme I, rei da Prússia e Imperador da Alemanha não podia ser e não foi uma surpresa: era um nonagenario. O que admirava era que vivesse ainda um homem que tanto havia lutado e trabalhado; que pudesse funcionar, e regularmente, aquella velha machina humana, em actividade constante quasi um seculo, movida incessantemente por todas as pequenas paixões de um grande rei, que não foi um grande homem.

Particularidade curiosa na biographia de Guilherme I: — foi uma criança debil, de franzina compleição, de quem se não esperava pudesse viver longamente; morreu, no entanto, quasi secular, occupando na Historia o logar do monarcha de mais longa existencia. Quem fez tal milagre? O trabalho. Aquelle principe delicado e fragil não conheceu as mollezas opulentas dos principes ociosos. Aos dez annos era soldado.

A desastrosa guerra franco-prussiana, leviana e criminosamente declarada por Napoleão III em 1870, prudente e matreiramente prevista e preparada por Guilherme I, essa guerra foi o resultado logico, infectível da grande dor que soffreu o principe menino vendo sua patria derrotada em Iena, em 1806, e Napoleão, o Grande, invadir e occupar Berlim com suas tropas victoriosas. A invasão e occupação de Paris, a victoria final sobre a França, em Sedan, entraram desde aquelle memoravel instante historico na ferrea vontade do joven principe: — era a desforra, necessaria, imprescindível, fatal para a sua alma orgulhosa e inflexível e para o seu coração patriótico. Aos treze annos combatia ao lado de seu pae.

Sua constituição, inquietadoramente debil, tomficou-se e enrijeceu com o cheiro da polvora e do sangue e com os exercicios militares. Além de que elle precisava de viver muito, para

tirar a desforra contra a patria de Mussot!

Esse nonagenario foi em toda a sua dilatada carreira — um victorioso e um feliz. *Soube querer*; — virtude rara e preciosissima, força invenível e sagrada! Além dessa virtude soherana — *saber querer*, teve uma outra — o *descarado heroismo de afirmar*, que, batendo na Terra com pé forte, ou pallidamente elevando os olhos ao Céu — cria, através da universal illusão, Sciencias e Religiões. (*)»

Teve o «descarado heroismo» de afirmar que havia recebido a coroa da Prússia das «propias mãos de Deus», que era rei por direito divino. Chasquearam d'elle; houve revoltas, protestos e motejos, mas elle acabou sendo rei da Prússia e imperador da Alemanha, *realmente, de facto*, por direito divino.

Em toda a sua vida só uma desventura se lhe conleece: — amava apaixonadamente a uma mulher, a princeza Eliza Radzivil e foi obrigado por poderosas razões de Estado, a tomar estado com outra.

No seu coração o amor da patria e a ambição do poder superavam e absorviam todos os sentimentos, não deixando logar para o amor, o amor da mulher, o «puro amor» de que falava tão suavemente o cantor de Nethercia.

Está morto o grande rei, o unificador da Alemanha, como o foi Victor Manoel da Italia; mas o seu braço forte o seu *alter ego*, o «chancellor de ferro» continúa elanceller e de ferro. O *iron-prinz* Frederico Guilherme, successor de seu pae, sob o nome de Frederico III, já manifestou, por meio de uma carta e de um abraço, que precisa do Bismark e que não dispensa os seus grandes serviços. Quer isto dizer que é licito suppor a continuação da mesma politica teutonica e, portanto, da mesma politica europeia.

VALENTIM MAGALHÃES.

(*) Eça de Queiroz. *A Reliquia*; pag. ultima.

SONHANDO

Canta, eu soergo o fino cortinado
Que véla-me ao olhar um alvo leito:
Um louro anjinho dorme socgado
O somno da innocencia, calmo o peito.

Cova-lhe a face um candido sorriso
Que o rosto de luz branda lhe illumina.
Que aureo senho lhe entreabre o paraizo,
Entreabrindo-lhe a bocca pequenina?

Sonha talvez com perfumados ninhos,
Entrevistos no arbusto em manhã clara,
E pensa em vóz, sonoros p.s.sarinhos,
Que com meigas caricias afagára.

Feliz idade, a da innocencia pura,
Em que a sorte á um iris de Alliança,
Consente e manda á mesma creatura.
Ser passaro, ser anjo e ser creança.

VERA DE SUCKOW

UM PESSIMISTA

(Ao Dr. Borges Carneiro)

O Dr. Macedo foi o pessimista mais extremado que eu já conheci em toda a minha vida. E digo pessimista na significação mais ampla do termo.

Longo tempo de convivência intima facultou-me o conhecimento absoluto de tão estranha organização.

Macedo também salientava-se pelo physico. Era alto, livido, anguloso e escavurrado. Quasi romantico. Cabeça anfractuosa e fronte protuberante. Os seus olhos, fundos e vastos, tinham o brilho intermittente e reverberativo de carvões accessos. Em crises de sossobro intimo esses dois espelhos reflectiam com uma expressão tragica o assomo intenso que lhe vibrava toda a alma num estremção de cora ou de paixão. Tardo no andar, porem de uma loquacidade fremeite, incendiaria. Feio como o peccado. A sua idade orçava pelos quarenta. Uma especie de selvagem catechizado. Morreu do pulmão, ha coisa de tres annos. O Dr. Silveira accrescentava que elle também soffria do coração.

Macedo era medico, formara-se aqui na Corte. Em materia de habilitações era pretencioso e intransigente. Nunca se considerou discipulo de quem quer que fosse, na firme persuasão de que o homem não é parasita para só sugar, nem armazem para só conter. Importava e exportava idéas igualmente, dizia elle com emphase ridicula. Como se vê, a sua inmodestia tinha fóros de um principio.

Quanto á moral e quanto á religião, as suas opiniões não eram menos singulares. A gente ouvia-as confusamente, com desgosto e com oppressão, mas por fim deixava-se arrastar como um sarrão pela corrente. A sua dialectica era attraheite e viscosa como a boa constritor.

Macedo era um espirito profundamente revolucionario. Atacava tudo como um corrosivo. A sua palavra produzia escharas e a vehemencia do seu pessimismo fulminava o proprio raio. Quanto peor, melhor! era a sua phrase predilecta. Como bom catholico, execrava religiosamente o casamento.

Uma desgraça intima lhe conflagrara violentamente a vida e elle cairá prostrado como uma ave ferida por um tiro. De facto, sobre ser pessimista, elle era também um sceptico. Macedo era, pois, uma ruina. Ha muito que elle começára a esboroar se. Tudo lhe parecia pessimo. A sua Innetá denegria a pomba como a do optimista branqueia o corvo. A vida para elle era um becco sem saída. Agonisava sósiinho, obscuramente. Buscava o olvido como quem procura uma agulha. A sua palavra, espontanea e rapida, distillava peçonha e sangue, como um abcesso putrido.

Eram desoladoras as suas conversações intimas. Evidentemente esse organismo moral era corroído por um cancro.

— Macedo, tacteei eu uma vez, não podes occultar que ha em tua vida uma desgraça...

— Eu bem o sei, Fulano, interrompeu-me elle, mas por isso mesmo espero que não me violentes a consciencia. A treva é um balsamo. Depois, acima do homem está a fatalidade e acima da fatalidade está a morte. Eis tudo.

E com essa rajada intempestiva apagou a lampada que poderia illuminar a caligem de uma noite inteira.

Comovido e rechassado, bati em retirada. Estavamos á janella palstrando. No céu as estrellas tinham suntuillações phantasticas e na rua passavam transeuntes indifferentes.

Mais tarde, porom, vim a saber a causa de tudo isso. Imagine-se a repressão violenta de uma paixão insulita; a extrema susceptibilidade de um temperamento posto em jogo nas refregas de uma vida accidentada e por fim, e como consequencia, a acção maledica de uma influencia consumptiva e morbida. Foi por esses degraus nefastos que rolou aquella organização vibratil e excepcional até alogar-se no mar morto do pessimismo.

Eu sou o rei dos pessimistas, dizitome elle sempre, e assim era.

Macedo contraira o habito de encolher desdenhosamente os hombros e nos labios via se-lhe sempre fluctuar o sorriso glacial e impudente do sarcasmo.

Tal era a singular creatura que a sociedade chamava Dr. Macedo.

Esso desgraçado viveu golfando fel e morreu haurindo a doce, a ineffavel esperança do tenebroso nada.

CANDIDO JUCA

DA "VIA-LACTEA"

Ao coração que soffre, separado
Do teu, no exilio em que a chorar me vejo,
Não basta o affecto simples e sagrado
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,
Meu só desejo o teu amor: desejo
Ter nos braços teu corpo delicado,
Ter na bocca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem
Não me envergonham: pois maior baixesa
Não ha que a terra pelo céu trocar...

E mais eleva o coração de um homem
Ser de homem sempre, e, na maior pureza
Ficar na terra e humanamente amar!

OLAVO BILAC.

A ESPERANÇA

Lutou continuamente, hora por hora, Sempre a esperança a lbe doírar o esforço; Tinha por si não ter nenhum remorso, No leito puro a animação da aurora.

Viessem as dores de troyel, embora, Tinha p'ra combstel-ss um reforço; Era o incançavel o intimido corso Avante e affeito pelo mar em fóra.

Si da esposa crescia o desalento, Na supplica, na voz de mel, sincera, Mostrava um céo, dizia novo intento.

Morta arvore, a esperar a primavera, Vendo-a chorar, já no ultimo momento, Morreu dizendo-lhe a sorrir:—Espera!

J. MORAES SILVA

LA TERRE

DE

E. ZOLA

(Conclusão)

Na ba um só personagem na *Terre* que não seja bebado, assassino ou ladrão. E todo esse povo de bandidos o autor reunio-o em uma só aldeia e fez d'ella uma aldeia typo.

Entre todas as seiscentas paginas da *Terre* ha umas vinte que são cheias de belleza e de poesia, de sentimento e expressão. Ahi Zola é aquillo que devia ser sempre - um escriptor poderoso.

As planícies da Beauce são aridas; a chuva persiste em conservar-se no seio das nuvens apezar dos votos e orações dos lavradores; por fim ella resolve ceder s o camponez, no limiar de sua caea, começa a vela cabir com um prazer infinito.

Como é linda esta pagina:

« Dans la nuit, le ciel s'était couvert, il tombait depuis douze heures une pluie fine, tiède, pénétrante, une de ces pluies d'été qui ravivent la campagne; et Buteau avait ouvert la fenêtre, sur la plaine, il était là depuis l'aube, à regarder tomber cette eau, radieux, les mains dans les poches, répétant:

— Nous v'la bourgeois, puisque le bon Dieu travaille pour nous... Ah! sacré tonnerre! des journées passées comme ça, à foire le feignant, ça vaut mieux que les journées où l'on s'esquinte sans profit.

Lente, douce, interminable, la pluie ruisselait toujours; et il entendait la Beauce boire, cette Beauce, sans rivières et sans sources, si altérée. C'était un grand murmure, un bruit de gorge universel, où il y avait du bien-être. Tout absorbait, se trempait, tout reverdissait dans l'averse Le blé reprenait une santé de jeunesse, ferme et droit, portant baut l'épi, qui allait se gonfler, énorme, crevant de farine. Et lui, comme la terre, comme le blé, buvait par tous ses pores, détendu,

rafraichi, guéri, revenant se planter devant la fenêtre, pur crier;

— Allez, allez donc!... C'est des pièces de cent sous qui tombent!

« C'était un grand murmure, un bruit de gorge universel où il y avait du bien-être. »

Composta pbrase é admiravel! Sentese a sensação dos campos que reverdecem e como que o cbeiro das terras molhadas.

E como esse o livro contem muitos ontros trechos trabalhados por um primoroso artista. Infelizmente, é difficil destaca-os sem truncar o pensamento porque rara é a pagina que não está crivada de palavras e exclamações obceenas.

Por outro lado o livro tem os seus senões.

Descrevendo uma das scenas da vindima na Beauce Zola conta a historia de uma bilha de vinbo que havia sido deixada no terreiro. Um burro veio farejar-a e bebeu-a tranquillamente. A bilba continha cerca de vinte litros.

E accrescenta.

« Tout y avait passé, son ventre s'était arrondi comme une outre, à éclater du coup; et, quand il releva enfin la tête, on vit son nez ruisseler de vin, son nez de pochard, où une raie rouge eous les yeux indiquait qu'il l'avait enfoncé jusque-là.

» Il était, c'était cette fois le cas de le dire, saoul comme une bourrique, ou, comme on dit chez nous, je n'ai jamais su pourquoi: Comme la bourrique à Robespierre. »

E estende-se com prazer sobre os effeitos da embriaguez do burro, que pula desordenadamente e todos correm atraz do animal endiabrado. A scena termina com estas linhas.

« Alors sous la blancheur éclatante de la lune, on vit l'âne battant la cour en un zig-zag frénétique, avec ses deux grandes oreilles échevelees. On lui avait trop remué le ventre; il en était malade. — Un premier haut-le-cœur l'arrêta; tout ébavirait. Il voulut repartir; il retomba sur ses jambes raidies. Sou cou s'allongeait; une houle terrible agitait ses côtes. Et dans un tangage d'ivrogne qui se soulage— piquant la tête en avant à chaque effort, il dégueula comme un homme. »

Ninguém poderá negar o pittoresco dessa descripção. Mas o que é verdade o que o Zola nunca viu um burro vomitar. E o burro não vomita nem vomitará enquanto tiver o estomago que possue. E esta scena, como outras do illustre romancista, por estarem fora da verdade, estão longe do naturalismo.

Mas os heros de Zola são de ter sempre alguma cousa de epico, de prodigioso, como concepções de um poeta extraordinario.

Nada—se ali, em plena poesia. O cavallo de Homero chora sobre o cadaver de seu dono; o burro de Zola embriaga-se e vomita *comme un homme* á claridade rútila da lua.

EMANUEL KARNERO.

RECORDAÇÃO

A Alberto Pimentel

Esta é a saudosa e triste penedia Onde em meu braço e custo caminhando, Quando a pouco a pouco estrangulando Ia-lhe a amada vida essa agonia.

Que ao cemiterio fria, inanimada e fria, Levou-a, o sol silenciosa olhando E ella coitada ao peito aconchegando A pequenina mão de dor gemia.

Bordavam flores as margens do caminho E cada ramada humida e cheirose Era a sadia emanação de um ninho.

O lyrio, a açucena, a silva, a rosa Floriam; enquanto triste, exangue Ella o lenço manchava em rubro sangue.

CARLOS FROES

O GRUMETE NOGUEIRA

I

Na *Hospedaria da Lua*, espelunca da travessa do Cotovello, baluca de jogo e de prostituição reles, ponto da farandula, albergue das raneiras, na noite de 2 de Fevereiro, passava-se alguma cousa extranha.

Pela porta escura, entravam e sahiam sujeitos embuçados—typos de maltá— e de quando em vez um policia, com o chanfallo desenbainhado e a barretina no alto da cabeça, gingando.

La dentro uma algazarra medonha: gritos, gargalhadas, cantigas obscenas e dichotes canalhas, no grande volapuk da capoeiragem.

Duas mulheres bebidas babavam-se, sentadas em um batente de porta fronteira á Hospedaria, descompondo desbragadamente o dono da locanda.

Uma outra, rota, enlameada, cambaleava, chapinhando na sargeta.

Dentro, em uma sala escura, aluminiada por um candieiro fumarento, bebiam os da troça, atabaloados commodamente, com as armas accumuladas impudentemente no pinbo gorduroso das mezas.

Era alli o quartel general da maltá. Era alli o reducto da força assalariada—força composta de assassinos e capoeiras, posta ao serviço da policia.

O dono da locanda, um sujeito obeso, de caraça rubra, em mangas de camisa, andava de meza em meza servindo, cheio de sollicite com os freguezes, examinando, aqui uma uavalla, mais adiante experimentando uma faca

— O' João Beiro, está baptisada? perguntou virando e revirando uma navalha entre os dedos.

— Baptisada, a Cocota?... ora! Isso nem se pergunta. Então você não se lembra do carcamano!?

— Sim...

— Então... Elle foi a pia...

E o locandeiro rindo passou adiante, carregado de garrafas.

— O' sujo! gritaram de um canto.

— Adeus, Trinca! Como vai a tytophographia...

— Varro fóra...

— Bilontra!

Ao fundo, diante de uma meza, o locandeiro estacou meio sorprezo, com os olhos pregados na caea hexigosa e larga de um mulato que batia freneticamente com o punbo na meza.

— Qu' é qu'está olhando, seu Bento. Ponba paraty e rode?

— *Zé Boi!* — fez o homem da hospedaria sem tirar os olhos do mulato.

— Qu' é que tem *Zé Boi?* Devo alguma cousa?

— Ob! meu velho... E deixando as garrafas na mesa apertou o mulato nos braços effusivamente — e, todo risonho arrastou para junto da mesa um banco e acaçapou-se.

— Tu por cá!

— E' verdade...

— Quando eahiste?

— Houtem... Mas põe o paraty, bomem.

O Bento encheu o copo do mulato até as bordas.

— Mas ainda não acabou o teu tempo, Zé!?

— Não. Acaba em Julho...

— Então...? Como te *piraste?*

— Não pense que eu fugi. Sahi porque os *manatas* me botaram para a rua.

— O que me dizes?

— E' verdade! Isto agora é que está bom. Hontem de manhã a troça toda ganhou o mundo por ordem dos maiores. Não ficou um no *Rebolo*. A gente sahiu por causa do surumbamba que anda agora. E vem tudo disposto a fazer fé cá fóra.

E esvasiou o copo de um trago.

Eu cá estqo decidido a cortar como gente, mesmo porque a *sardinha* já está se enferrujando.

— Então... foi a policia?...

— Ora...

— E se vocês forem presos de novo?

— Ha muita garantia, seu compadre.

Eu não sou cabra de hoje—sel como caio n'agua.

— E' o que serve...

E o Bento, entusiasmado, bobeu tambem um trago para festejar a liberdade do camarada.

— Pois é verdade, seu Bento, cá estou eu!—disse o mulato e passou a manga do palitot pela bocca para limpar os beiços molhados.

— E o Candinho, *Zé Boi?*

— Veiu tambem. Está tudo na rua— a raspaziada de *fança* toda: o Candinho, o *Trinca*, o *Menino bonito*, o *Calunga*, o *Zé Gostoso*, o *Bumba*, o *Garrafa Vasia*, o *Gereba*... toda a troça.

— E o *Cae n'agua?*

— Isso é um *puaia!* Bota paraty, compadre.

E deu uma palmadinha amigavel no hombro do interlocutor que corria, com os cotovellos enterrados na mesa e o cigarro no canto da bocca.

O mulato esvasiou novo copo e curvando-se para o Bento perguntou, piscando bregeiramente o olho:

— Como vamos de pequenas?

— Mal.

— O mulatame anda vasqueiro hoje.

Qu' é da Leopoldima?

— Foi com o Bernardino...

— Qual é o Bernardino... aquelle soldado do 10º?

— Sim.

— Diabo! E a Augusta?]

— Está na Santa Casa...

— Mas que *chuva*, bein, seu compadre!

— Uns mulher atóa. E o Bento depois de cuspir para um canto a ponta de cigarro, perguntou com interesse:

— Como vamos de lonas?

— Ah! dinheiro muito! Os patrões *marcharam*. E para provar sacou do bolso um maço de notas e estendeu-as diante do Bento.

— Vinte bodes!

— Que fortuna!

Riram.

Defronte, em um grupo, uma rapari-

guinha ébria mostrava os seios flascidos onde havia uma tutuagem—era um coração. Os do grupo riam e roubavam beijos á desgraçada que, muito bamba e desequilibrada, amparava-se á meza, dizendo palavrões com um cynismo revoltante.

Outra, mais adiante, com as pernas no collo de um creoulo, cantarolava, puxando de quando em quando a fumaça de um charuto.

Um permanente, encostado á porta, contemplava a scena sorrindo voluptuosamente.

— Que deboche, seu Bento... observou o Zé Boi.

— Ora!... Que é que tem... E, baixando a voz, perguntou:

— Esse vocês *espíarem* alguém, seu Zé?

— Não ha novidade. Está tudo prevenido. Hoje a gente pode derrubar sem medo porque a lei está do nosso lado.

— Então... é aproveitar.

— De certo. Eu cá não sou molle nem nada. Olha, o ferro está aqui e vontade de riscar muita. Deixa estourar o *surumbamba* só. Deixa pegar a cousa que você vai ver o bom e o bonito. E' pé aqui — tiro! — pé acolá — tombo!

— Você não toma caminho, disse o Bento sorrindo.

— Ora...

— Bem, Zé... até já. E o Bento levantou-se e sahio como o Sileno da tasca, rubro, obeso, com a pausa enorme melhada de suor.

Nesse momento fóra, na viella abandonada, levantou-se uma grita medonha. Apitos, vozzeria, tropel da patrulha e o galope longinquo dos animaes correndo pelas ruas silenciosas.

Duas mulheres embriagadas tentaram penetrar na Hospedaria, mas foram empurradas brntalmente pelo loandeiro e rolaram na rua gritando nomes.

Os que enchiam a sala puzeram-se immediatamente de pé e brandindo as armas correram em tumulto para a porta aos gritos de: — *Enche! Enche! mata! mata!*

Zé Boi foi o ultimo a levantar-se. Bebeu ainda um trago, experimentou o fio da navalha e cambando o chapue sobre os olhos sahio gingando.

— You ver a *diferença*... Até logo, Bento.

— Até logo, Zé.

E mal o Bento viu o mulato pelas costas passou o ferrolho na porta e retirou-se para o interior, tocando diante de si o rebanho das mulheres do Inpanar, rotas, ebricas, caindo de somno.

Fóra a grita augmentara e succediam-se as detonações das armas dos policiaes e os gritos de guerra da capoeiragem.

O Bento, voltando para apagar o candieiro, bebeu um novo trago, rosnando covardemente.

— Comam-se, canalbas. Com tanto que não venham me aborrecer de novo. E titnbante metheu-se pelo coaredor da casa.

(Continúa.)

KININGER

Scenas populares do Ceará

A MOÇA FURTADA

II

Pereira traga saudade
Da noiva, que não vive mais.
Ella pena em soledade,
Mas ninguém ouve os seus ais!

Mesmo na missa, na egreja
Em dia santificado,
Embora seja peccado,
Victoria não ha quem veja!

Mesmo o velho, o capitão,
De casa não mais sahio!...
Domingo perde sermão!
O que jamais ninguém viu.
Sua vivenda é tristonha,
As portas todas fechadas,
Por *peitos largos* guardadas,
Tem apparencia medonha!

Nem uma nova em dois mezes
Seu amor vem confortar!
Tentara mais de dez vezes
Noticias d'ella ir buscar;
Mas sua astucia e valia
Vencer não podem perigos
Creados por seus inimigos,
Que tudo tem em vigia!

Pereira soffre humilhado,
E ruge de raiva e dor!
Cresce o odio, mas ao lado
D'aquelle tão firme amor!
Uma noite elle scismava
Sentado em seu *copiã*;
Um vulto vem.— Quem vem lá?
— De paz senbor! Me esperava?

— Pensei a morta! dois mezes
A soffrer sem uma nova!
Não sei como estes revezes
Não me botaram na cova!
— Senhor, coragem! Victoria
Trazer-lhe manda missiva,
Ei-la, escreveu a captiva
Em prantos toda esta historia.

Voltou o vulto e sorriu-se
No manto da noite escura.
Um mundo d'esperança abriu-se
Para Pereira. A leitura
Não perde tempo em fazer.
Entra e vai ver a candeia,
Atiça-a, a chamma s'atêa,
Com muito afan põe-se a lér:

De pennas tenbo vivido
De penas hei de morrer;
N'uma masmorra fui presa,
E presa por te querer!

Se corre nas tuas veias
O nobre sangue mourão,
Vem quebrar os duros ferros
De minba injusta paixão.

Se não quizeres perder-me
Vem aqui, vem me tirar
Na noite do dia doze
Depois que o gallo cantar.

RODOLPHO THEOPHILO

UM DIA NO CAMPO

A' Emma, Sra. D. Laura Simas

A minha vida bontem expandiu-se alegre e feliz.

Era o dia da festa do Espirito-Santo no logar onde nasci.

E passei-o com minba tia, n'uma boa paz carinhosa e sagrada, recordando, saudoso, os meus irrequietos dias de infancia consumidos ali, estrefegando em correrias ingenuas, desenfreadas e doudas ou em assaltos aos ninhos, por aquelles campos e montes!

Já lá se vão quinze annos mas não mudou o aspecto das cousas.

A casa que fóra outr'ora de meus paes, cercada de laranjeiras e cafezeiros tufados, com o engenho da farinha ao lado, branca e risonha na loura luz da manhã, uma gloriosa manhã de maio cortada do bom cheiro agreste, saudavel e revigorativo das amexeiras, com as suas folhas de verde escuro e os seus fructos dourados e redondos, que fazem lembrar uma grande vestimenta verde, semcada de guizos, d'al gum gigantesco arlequim que se bouvesse immobilizado numa firmeza apurada e rija de soldado, — brilhava e ria pelas suas janellas abertas, toda penetrada de calor e de vida, numa ampla satisfação de animal telhido e friorento que saboreia, estirado, a morna caricia do sol.

Os outros lares, na maior parte compostos de casinbas vermclbas, mal acabadas, de paredes feitas d'um barro cuja fragilidade se mostra em risquinhos tremidos de myriades de rachas e onde se enchergam, bem fundos, os sulcos das mãos que serviram de colber na sua edificação, espiam, escondidos o largo e accidentado caminho do sitio, de dentro de altas touceiras de bananeiras, cujas folbas largas e tenras, o vento tesoura em fraoja.

Grupos sonoros e coloridos de lavradores, mulheres e crianças, excursionam até á freguesia, linguarejando e rindo forte, na cadencia regulada e certa do tamanco que bate no calcanbar.

E familias mais abastadas, vindas de longe, apinhadas sobre o estrada dum carro arrastado por nédios bois lusidios, passam, amollentados pelo tedio, amarrotadas, ensomnadas e bocejantes, na lentidão e no chido fastidioso e nostalgico do vehiculo.

Rapazes em geral anarelllos, entre vinte e trinta annos, exhibem-se ante as bellas raparigas palreiras, socadas de hombros e de grossas cinturas carnudas, fazendo pular e atormentando a relhaços, num entusiasmismo prosa de matuto, os seus ossudos e feios cavallos enlameados, que enebem de galopes e ruidos de arreios novos todo o percurso da estrada.

No adro da igreja, donde se avista ao longe, ás vezes, a branca alegria de uma vella latina palpitante sobre o mar que faisca ao sol, atinbavam-se, enfeitadas, na direcção da porta principal do templo, dous renques de aguçadas palmeiras desviçadas ja pela soalheira, descendo ladeira abaixo até a uma baraca de lona, onde se leiloava fructos e massas, a grandes berros roucos.

A' noite, novena resada engroladamente pela voz rouca e cbeia de um padre gordo e preguiçoso, de cogote curto, em rosca, como um porco macau.

E depois, já noite avançada, a volta para as casas, a beliscar-se sensualmente, no escuro, o braço roliço da cachopa, que não grita nem diz a mãe, por estar ainda roendo e gosando a offerta de amendoas e broas que a gente mérca, trapasseando e logrando as negras; quitandeiras do adro.

VIRGILIO VARZEA.

Desterro, 30 de Maio de 1886.

DEPOIS DE PARTIR (*)

Vim e deixei-te o coração que, embora Martyrisado sempre, é teu escravo;
Vim sem trazer ao menos um aggravado
Dos teus impios caprichos de senhora.

Vim, e com risos dissimulo o travo
De acres venenos que sorvi outr'ora;
Indifferente ao mal que mo devora
A setta que me fêre eu mesmo cravo!...

Trouxe comigo o eterno moribundo,
— Tantaló que agonisa, sitibundo,
Alimentando a séde que o tortura:

Trouxe comigo o meu amor profnndo,
— Coveiro que, com prantos de amargura
Ha de fechar-me a triste sepultura.

PEDREIRA FRANCO

S. João d'El-Rey, 87.

(*) Reproduzimos por ter sahido incorrecto.

OMATH

E' um incompreensivel, não é um mysanthropo, Omath, este singular individuo que occupa a minha attenção, e me obriga a reflectir, a pensar na vida d'elle a estudal-a emfim, como se eu tivesses um grande compromisso, um dever sagrado de sabel-a de côr, como qualquer discipulo de — bacadafá — a sua lição. Inteligente, tem o espirito culto e applicado, sua educação é completa e aprimorada; activo de um physico robusto e esbelto.

Vive instruindo-se; ou lê acuradamente, ou manuseia periodicos, revistas, illustrações de maior aceitação. Traja com correcção, uma media mathematica pôde-se dizer entre o figurino de alfaiate e o jarreta historico; sabe vestir-se do bom, do commodo, do duravel como sabe comer do melhor e do mais fino.

Nas suas, nas viagens, nos passatempos não abandona seu companheiro inseparavel o charuto; fuma desmesuradamente; uma tiragem de fumo distende-se bifurcada pelo nariz com pequenas intermittencias.

Não tem aspiração, e nem ambiciona cousa alguma, vive tranquillo; admira um quadro, contempla uma obra d'arte com attenção demorada, mas não se emociona — é frio —; nada o abala, o mais horrendo crime, o mais extravagante factó teratologico, não arranca d'elle o menor gesto ou palavra, sua plastica fica imperturbavel, aceita tudo como mais natural acontecimento, não aconselha, não discute o merito relativo de consa alguma, diz o que ba e o que sabe quando provoca o sua opinião — é um erudito. Não ri e não chora — é impassivel, dir-se-ia não tem coração; no entretanto é esmolero, generoso, philanthropo, dedicado, em excesso, aerviaçal.

Conbeci — Omath — por occasião do fallecimento do seu pai com quem entretinha boas relações; vendo-o sollicito, satisfazendo a uma cousa, e a outra que se apresentava na occasião, dispendo com grande calma tudo, sem sequer trazer bumedeidos os olbos; a minba curiosidade aguçada levou-me a dirigir-lhe esta pergunta: «E' parentura parente do amigo Omath?»

Ao que respondeu me — Sou filho —

No melo do maior alvoroço, entre prantos, lamentações, abraços, soluços, de todo, nos olhos de Omah sequer regumaram lagrimas.

Extranhel-o d'ahi—, o a minha admiração ain la cresceu, quando soubo que era unanime o conceito de fillo extremo e bom, de que gosava.

E' que elle achava-se mais coherente, e julgava ser mais natural conservar-se impassivel sempre, a derramar prantos, exclamações, angustiar-se naquella dia para lhas depois apresentar-se satisfeito e risonho.

Esperou reclueo e inabalavel a missa do actimo dia, tributo ephemero, onde os amigos pensando nos affazeres, nos interesses, nas obrigações auceião pelo abraço consolador da etiquéta.

Era colteiro.

A sua philosophia, parece-me, era considerar-se exclusivamente espectador, e bem assim a manifestar-se.

«... fosse casado, dizia elle: as distrações, os carinhos, os folguedos dos fillos, e bem assim a dedicacão da esposa não m'o demoveriam dessa indifferença. Não me consideraria mais feliz nem me tornaria mais alegre por ter fillos que me beijassem e abraçassem a minha chegada á casa; tudo isto havia de dar-se e de desaparecer com a idade, até que elles mesmos fossem por sua vez pais e recebessem as meemas caricias dos meus netos, e da sua mulher, e assim os novos descendentes.

O attractivo da familia mais nobre sem duvida, e mais duradouro, não tem como outros, explicacão convincente?

Que explicacão tem o prazer que experimenta um individuo de colleccionar avellos ou moedas? ou de apurar vegetaes? Que explicacão tem a satisfacão desse outro de distinguir-se como atirador, jogador de armas, de xadrez, etc, ou de elevar-se como jornalista, professor, ou artista?

Tudo é ephemero, e não encontro justificacão á não ser no goso *excentrico* de cada individuo de procurar obter taes e taes sensações»

Que typo?!...

FLAVIO FLORES

Visitando Ruinas

Vem; vamos percorrer esse castello, outr'ora
Chelo de risos, luz e indomita alegria,
Nao te asustes a expressão inhospita e sombria
Que elle ostenta minaz e silencioso agora.

D'elle, tempos atraz, ao despoitar da aurora,
A alegre multidão p'r'os coçados sahia;
Ne ostento pinheiral da extensa serraania
Uma fortes echaor sons de trempa sonora

Hoje em silencio está; lançado e abandonado,
Como alguém que dormise o seu ultimo somno
Resta ao fundo do valle em que asseta sombrio,

E, abandonado, têm as entranhas de pedra
Qual minados da der — a fria dor que me abraça
N'este meu coração marmoreamente frio.

Fevereiro, 1888.

PEDRO RABELLO.

FACTOS E NOTICIAS

Do estudioso padre Senna Freitas que, já passou em julgado pela critica da lingua portugueza, recebemos o livro intitulado: *Observações criticas e descripções de viagem*.

Confessamos que o desejo de noticiar o apparecimento d'esta obra, apenas permitiu-nos que lesseamos aquillo que mais commosco se entendia e depois entao trataremos sobre o que agora em nosso despretencioso juizo emitimos.

Uma revyada de escriptores brazileiros. Foi o capitulo preferido. Com a attenção que nos merce o illustre padre Senna Freitas lemo-lo, e, ou para nosso proveito, francamente, não concordamos.

Depois de algumas observações sobre a formação social do Brazil, o auctor do *Perfil de Castello Branco* estuda a poesia brazileira e actua que:

«A inspiradora da poesia brazileira foi sempre a França»; «A França tomou o *Cader litterario* dos Varellas e Castro Alves, dos Casimiro de Abreu e Luiz Guimarães.»

Porque, perquntamos nós, a nossa inspiradora e a França? Qual é a nota característica da poesia franceza? Era que tempo existiu na França um Jordão que baptisou a lyra dos seus poetas, que os tornou originaes ao ponto de, as lyras estrangeiras procurarem algumas gottas privilegiadas para poder em cautiar?

Será talvez culpa da nossa ignorancia porém, sempre cremos que a poesia Lyrica e a poesia epica da França foram a mesma maugurada pelo primeiro lyrico que existiu e pelo primeiro epico que se immortalisou. Pode a forma variar, a corda vibrar com maior ou menor intensidade, ser mais amarga ou mais doce, porém a essencia, a poesia da poesia é a mesma, é eterna.

«Chegou onde eu queria» poderá retorquir-nos o Sr. Senna Freitas, e nós acrescentaremos: Porventura todos os poetas brazileiros tem sentido as mesmas impressões que se tem manifestado no espirito dos poetas francezes?

Oe factos, as couzas, as circumstancias, as luctas, as dores, tem sido as mesmas para iudenticarem os sentidos dos vossos poetas com os dos poetas de lá? Eu absoluto não; iato é; a evolução social, no seu maior desenvolvimento levou, ou antes trouxe toda a humanidade para o *Nihil*; d'ahi a descrença univereal, d'ahi a afinação do toda as lyras na nota triste, desalentadora, satunica ou pessimista e por fim, n'uma so palavra: na melancolia.

A melancolia é a fonte onde bebemos não para alentar oe outros mas para consolal-os consolando-nos.

Eis porque estamos em desacordo com o auctor das *Observações criticas* quanto a sua classificação de escolas litterarias. Eis porque implicamos com o baudelaireanismo em que o Sr. Senna metteu Raymundo Correa e o parna Luiz Guimarães.

Um doe poetas muito apreciado pelo Senhor e em seu estudo citado, Luiz Murat, ao nosso ver, muito bem defenio a poesia quando ha pouco tempo em um dos seus poeiretos *Rouzinões do coração* dizia que como uma ave a voar em torno de um fructo:

... amargoso por fora e capido por dentro,
Tal da lagrima em torno a poesia se move

No seu fnror contra Schopenhauer

já sente o Sr. Senna Freitas repulsão pelo seu patricio Anthero do Quental e convia os vates brazileiros para a gravidade das couzas graves.

Ficamos na mesma.

Reprovando os descrentes, descobriu alegria na lyra de Esponceda e — como deria Castello Branco — com uma enorme liberdade geographica chama-o «vate de mais alto coturno que talvez haja em toda a Hespanha (Caramba!). Espronceda, diz o Sr. Senna Freitas, no proprio *Diabo mundo* eleva-se ao

«Dios ese que habla
O unipoteute en la region del cielo
Naurar o cye duquiera
Ja todas horas et tuortal le troyca»

Mas a nota principal saltou o Sr. Senna Freitas, o terceiro verso não é «Nanbrar etc.» é:

«Quen es que inunda á veces de alegría,
y otras veces cruel con mano limpia
Llena de angustia y de dolor el suelo?»

Depois haja á vista a introduccão ao poema referido. Se é esta gravidade que deseja nos e o reitornos.

Nas correções que apontou a Raymundo se foi feliz na primeira valha-o a infelicidade da segunda para não repetir o mesmo de outra vez.

No seu auctor de esmugar comprometteu o Filinto d'Almeida quando disse que o seu soneto *No campo* tem 15 linhas. 15 linhas? só contando meia do titulo e a outra meia da assignatura, si não foi a assignatura dar mais pés-de versos ao Filinto.

Quanto á parte em que trata do naturalismo, cremos que a discussão seria fora de proposito, porque já antes de ser contradito o Sr. Senna Freitas chuua os discipulos de Zola de miseraaveia.

«As opiniões são como os prégos tanto mais se as bate, mais ellas se euterram» disse o Dumas fillo. Não a aceitamos e nem as discutiremos pois, do Sr. Senna Freitas.

Depois disto, folgamos de reconhecer que o seu livro está primoroeamente escripto, feito com muito vigor de estylo e copiosa somma de estudos.

Agradecidos pela offerta.

FRANKLIN TAVORA

O noeo illustrado e distincto collega de radacção Dr. Franklin Tavora acaba de aofrer um profundo golpe no acouchego doce da digna familia, perdendo a sua estremosa e querida mãe, Exnu. rra. D. Maria de Sant'Anna da Silveira Tavora.

Dupla é a nossa partilha na dor, que neste momento enluta a alma de tão prestimoeo amigo e de tão querido collega.

E a redacção da *Semana*, sinceramente magoadá, apresenta ao illustre companheiro oa seus sentimentos de pear.

Chegou de Pernambuco o Dr. Arthur Cortines Laxe — um dos moços mais sympathicos da actual geração litteraria e cuja valiosa collaboracão nos está asegurada para maior brilhantismo desta folba que se presa em reunir o eupra-summo do talento e da illustração.

Para S. Paulo voltará brevemente o nosso illustrado amigo e agente litterario, ali, o Sr. Max Fleiuss.

Que continue a ser-nos bom e activo é o que desejamos.

THEATROS E DIVERSÕES

O espectáculo que ia ter lugar na segunda-feira passada no theatro Santa Anna com a *Dama de Espadas* em beneficio do illustre compositor nosso unigo Dr. Ab'lom Milanez, foi transferido para o dia 19, eegunda-feira.

No Lucinda continúa a companhia hespanhola de zarzuelas, a fazer as delicias do publico que alli está para applaudir as interessantes Pla, Sophia Campos, e ao Garrido, este Garrido cuja presenca no palco é um acontecimento de... sadias gargalhadas.

E' um espetalhão o Braga Junior o um filizardo tambem.

O Recreio Dramatico enfeita-se atavia-se e espanja-se para receber de seus frequentadores, e de todo o publico fluminense as saudações pela excellentes peça que lhes vae offerecer. E' a Revista do nosso collega do *Jornal*, Dr. Oscar Pederneiros, intitulada— *O Boulevard da Imprensa*, uma revista magistral, trabalhada com muito primor litterario; com muito espirito, e que critica os factos do anno com muita delicadeza, ao par de muito vigor.

Tudo da revista está feito com muito gosto, e montada caprixosamente. A sua premiere está annunciada para o dia 22 do corrente, e é quasi certo que nesta noite o Recreio não ficará com um só logar desocupado.

As recitas da semana foram variadas e com boae casas.

Pelo Sant'Anna, vae o Heller alterando os espectaculos, dando ora *O Amor Molhado*, a *Dama de Espadas*, ora *O Ramo d'Ouro*, peça esta que, pelo tumulto que fez levantar na imprensa com a critica de sua excellent musica, tem levado a este theatro enchentes completas. Facto é que, como previamos, o *Ramo d'Ouro* faz caminho em busca d'um meio centenário, e isto eralhe uma divida pelo alto valor da partitura e bem lançado do libreto da peça.

Hoje, a mesma, e amanhã a *Dama de Espadas*.

Abrem hoje os seus salões:

Para um sarão concerto o Congresso Brasileiro:

Baile commemorativo de seu 4º anniversario o Club A. D. Esther de Carvalho.

Partida mensal, Club Hebe, de Nichteroy, do qual é presidente a gentilissima Sra. D. Luiza Pennã, e secretaria a graciosissima Sra. D. L. Torreção.

Sessão solemne de inauguração do novo edificio, e posse da nova administração a Associação Portuguesa de Beneficencia Memoria a Luiz de Gumões.

CONCERTOS POPULARES

Devem começar brevemente os primeiros ensaios de musica desta importante sociedade.

Sabemos que faz parte do programma do 1º concerto a realizar-se em Abril, a grandiosa composição de Maeeenet *Les Erynnés*.

O organieador o Sr. Carlos de Mesquita não se tem poupado a esforços a fim de satisfazer ás exigencias do publico.

E' juato que o publico compense diligentemente tamanha dedicacão da parte de um artista como Carlos de Meaquita.

Brevemente terá lugar, em Niotheoy, no theatro Phenix Nicberoyense, a grande festa litteraria em beneficio da bibliotheca municipal, organisa da pelos Srs Carlos Frões e Alberto Pimentel.

Consta-nos que serão lidas publicações inéditas dos nossos melhores escriptores.

Diversas Publicações

O Occidente, 11º anno, vol. XI, n. 329, do 11 de Fevereiro deste anno.

Traz como sempre, alem de magníficos artigos, excellentes gravuras: O vinho novo, quadro de Christino da Silva; a Basílica de S. Pedro, em Roma e a casa onde nasceu Leão XIII.

Amor molhado, é o titulo de um periodico litterario e theatral, que incetou publicação nesta Corte e cujo primeiro numero recebemos. O interessante collega está escripto com muito gosto, muito talento e muito variado. Que seja-lhe longa a vida e sempre risonha.

Do Ceará nos veio o primeiro numero de *A Revista*, excellente hebdomadario. Agradecemos.

Fabulas de La Fontaine, illustrada por Gustavo Doré; com cerca de 600 gravuras e com estudos criticos pelos illustrados escriptores Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga. Os fasciculos ns. 61, 62 e 63 que temos sobre a banca estão excellentes.

As *Farpas* de Ramalho Ortigão. O fasciculo n. 26 que temos, trata do paiz e da sociedade portugueza.

Revista das Estradas de Ferro, do illustrado Engenheiro Dr. Francisco Picanço. Veio esplendido o ultimo numero: rica de dados estatísticos e informações uteis. Obrigados.

De um *democrata sincero* recebemos um libreto em que o seu auctor aborda diversas questões, social e economica, sendo materias de presente, a lavoura e a immigração.

Será exposto á venda, por todo este mez, o novo romance—*Lar*, de Pardal Mallet. E' de esperar que neste livro, como no *Hospede* e *Meu Album*, que o precederam, o joven e já apreciadissimo escriptor revele mais uma vez as suas brilhantes qualidades de observador apaixonado da natureza e vigoroso estylista.

Tambem brevemente sahirá á luz o *Quilombo*, romance naturalista do nosso presado e talentoso amigo Coelho Netto. Nas paginas desse livro, vibrantes de inspiração e escriptas em estylo fluentissimo, o distincto litterato desereve com a maior verdade as scenas da escravidão. As columnas da nossa folha em breve serão honradas com a publicação do primeiro capitulo do *Quilombo*.

O leitor terá, então, occasião de apreciar o trabalho monumental do Coelho Netto, que, com certeza terá o prazer de ver esgotadas edições consecutivas do seu romance.

Revista Typographica. E' este o titulo de um minioso jornal que apparece sob os auspícios, e immediata direcção e redacção da distincta classe typographica da Corte.

Escripta com muita intelligencia, com muito gosto e muito criterio a *Revista Typographica*, entra para a communhão da imprensa, pura e exempta d'esse mal que vai minando-a aos poucos e inconscientemente—a luta partidaria.

Ao interessante e sympathico collega para quem reservamos todos os nossos sentimentos de muito affeto, e lealdade os nossos cortejos.

Revista illustrada, que como sempre vem scintillante de espirito.

The Rio News, revista de interesses commerciaes.

Do Sr. José Martini, um livrinho de versos, dividido em tres capitulos *Trovas e Queixas, Musa Reverente e Harpa dos Tumulos*.

Evitamos a responsabilidade de uma critica ao livro do Sr. J. Martini, por uma razão muito simples, porque elle não nos pede. São suas estas palavras incertas ao prologo. « Não peço ao publico que leia o meu livro e menos ainda que o applauda. Outras são as glorias a que me destino, e mais proveciosos do que simples versos, espero serão os fructos de minhas futuras locubrações.»

Façamos-lhe a vontade, e esperemos.

Muito *bijout*, muito *chie* mesmo está o n. 1º do 2º anno d'*O Brazil Contemporaneo*. Este numero que recebemos, alem dos primorozos artigos, bellissimas poesias, traz tambem uma soffrivel photographia de S. A. Imperiaes. Obrigados.

A Chrysalida. Está mesmo um minioso casulo, donde se vão desabotoando os lyricos sorrisos das Nymphas, que na *Chrysalida* collaboram. Primorossissimo o n. 11.

O Correio da Europa, n. 5, da edição do Brazil. Traz excellentes gravuras e um texto de fino sabor litterario.

Recebemos de eximio compositor uma linda polka, denominada, opportunamente—*O Baptista Pulou Fóra*, e offerecida á distincta officialidade da armada. Só ao pegar-se a bolha composição sente a gente uma vibração, uns estrelecimentos e uns castos desejos de se pular, mesmo ao solavauco das ondas.

Obrigado e o Club Naval para dançar a miniosa polka.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

DERBY-CLUB
GRANDE PREMIO
INITIUM

A REALIZAR-SE NO DIA 27 DE MAIO DE 1888

NS.	NOMES	PELLO	FILIAÇÃO	PROPRIETARIO
1	Primadona.....	Alazão.....	Ernest e pelluda.....	A. Pinheiro.
2	Tenorio.....	Idem.....	Idem.....	Idem idem.
3	Zig.....	Idem.....	Douro e Bella Alliança.....	Condellaria Paulista.
4	Menino.....	Douradillo.....	Bordor Minstret e Mulers Maid.....	J. G. Nogueira.
5	Jarreta.....	Id. m.....	Janoit e Bolivia, meio-sangue.....	Idem idem.
6	Amburá.....	Zaino.....	Janoit e Gayvota.....	Idem idem.
7	Tramoya.....	Idem.....	Janoit e Geranium.....	Luiz do Pontes.
8	Fédora.....	Alazão.....	Fil d'Escosse e Debora.....	E. A. Paes de Barros.
9	Piesco.....	Idem.....	Damon e Geographia.....	Idem idem.
10	Corneville.....	Donradillo.....	Corneville e Fosca.....	Condellaria Aranha.
11	Hebreu.....	Alazão.....	Id. m e Mulata.....	Idem idem.
12	Gauléz.....	Idem.....	Idem e Venus.....	Idem idem.
13	Gioconda.....	Castanho.....	Boliver e Luiza Michel.....	Idem Alliança.
14	D. Quichote.....	Idem.....	Tagible e Araponga.....	Idem Fluminense.
15	Derby.....	Idem.....	Goldmasper e Pelluda.....	Idem idem.
16	Mo-léa.....	Alazão.....	Sans Pareille e Moura.....	Coronel Barroe.
17	Brazão.....	Douradillo.....	Idem idem e Bonita.....	Idem idem.
18	Pellicano.....	Idem.....	Idem idem e Frulanna.....	M. U. Lemgruber.
19	Vivaz.....	Idem.....	Idem idem e Diana.....	Idem idem.

GRANDE DERBY NACIONAL

A REALIZAR-SE

EM 15 DE JULHO DE 1888

NS.	NOMES	PELLO	FILIAÇÃO	PROPRIETARIO
1	Primadona.....	Alazão.....	Ernest e Pelluda.....	A. Pinheiro.
2	Tenorio.....	Idem.....	Idem.....	Idem idem.
3	Zig.....	Idem.....	Douro e Bella-Alliança.....	Condellaria Paulista.
4	Menino.....	Douradillo.....	B. Minstre e M. Maid.....	J. G. Nogueira.
5	Gauléz.....	Alazão.....	Corneville e Venus.....	Condellaria Aranha.
6	Hebreu.....	Idem.....	Idem e Mulata.....	Idem idem.
7	Corneville.....	Douradillo.....	Idem e Fosca.....	Idem idem.
8	Tramoya.....	Zaino.....	Janoit e Geranium.....	Luiz do Pontes.
9	Piesco.....	Alazão.....	Damon e Geographia.....	R. A. P de Barros.
10	Fédora.....	Idem.....	Fils d'Escosse e Debora.....	Idem.
11	Gioconda.....	Castanho.....	Bolivar e Luiza Michel.....	Condellaria Alliança.
12	D. Quichote.....	Idem.....	Tagibb e Araponga.....	Idem Fluminense.
13	Derby.....	Idem.....	Goldmasper e Pelluda.....	Idem idem.
14	Pellicano.....	Idem.....	Sans Pareille e Frulanna.....	M. U. Lemgruber.
15	Vivaz.....	Idem.....	Idem e Diana.....	Idem.

Rio de Janeiro, 29 de Fevereiro de 1888,

O 2º Secretario, MOREIRA SAMPAIO.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Ratisbona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Luiz Murat.—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Aristides Lobo—Advogado, rua dos Ourives n. 35.

Dr. João Ribeiro—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

Os Engenheiros, Drs. Buarque de Macedo e Castro Maia, encarregam-se de trabalhos de construcção, estudos ou outro quaesquer mister de sua profissão. Rua do Hospicio n. 22.

Dr. Aristides Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

SEMENTES NOVAS

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA

HORTULANEA

RUA DO OUVIDOR, 45

A NOIVA RUA DOS OURIVES, 14 SALÃO

para pentear senhoras o cortar cabellos

PERFUMARIAS, MODAS E
NOVIDADES, NINICHES e FRISETS
Ultima novidade de 1\$ a 5\$

ABEL

Cabelleireiro e professor de penteados
RIO DE JANEIRO

FABRICA DE CHUMBO

Na rua do Hospicio n. 22. Vende-se qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

CERVEJA PELOTAS

DA FABRICA

DE

G. RITTER & IRMÃO

22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

LOTERIAS DA VICTORIA

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Concedidas em beneficio da Santa Casa da Misericordia e das sociedades Beneficente da Irmandade de S. Benedicto do Rosario e Auxiliadora

Auctorizadas pelas leis n. 65 de 20 de Dezembro de 1886 e n. 34 do anno passado

4.000 BILHETES

SOMENTE

divididos em terços de custo de 900 réis cada terço
Tem duas finaes, dando cada um 1\$000 o terço

Distribue 862 premios reaes, correspondendo a 70 % do capital

Primeiro premio **3:003\$000** Primeiro premio

Tem uma fiança do valor dos premios em apolices da divida publica geral da Estado, depositada no thesouro provincial.

As extracções são semanaes e brevemente se marcará o dia da primeira

Telegrammas duas horas depois da extracção

Os portadores de bilhetes premiados que quizerem receber-os na côrte queiram dirigir-se á Rua do Ouvidor n. 51 1º andar, para onde poderão dirigir, por carta, ao abaixo assignado, suas encomendas.

Por procuração do thesoureiro e concessionario,

Manoel do Couto Teixeira

VICTORIA

MACHINAS PARA ARROZ

DOS SYSTEMAS MAIS PERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

ARENS IRMÃOS

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettem-se catalogos illustrados com descrições em portuguez

A PAULICÉA

BRILHANTE INAUGURAÇÃO

NO DIA 1º DE MARÇO

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais moderno e chic, recebido directamente das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. famílias a differença de preços que faz das grandes liquidações que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para bomens.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possivel promptificar para hoje o annuncio que dsve mostrar o grande sortimento sem igual desta casa, o que faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, **CORRÊA & FREITAS**
SUCCESORES DE J. M. CORRÊA

A PAULICÉA

2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2

RIO DE JANEIRO

A PAULICÉA

REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

A PAULICÉA

REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO